


CONHECENDO A LITERATURA DE FILIPE LUTALO

An introduction to the literature of Filipe Lutalo

Gustavo Tanus¹

<https://orcid.org/0000-0002-5696-7187> 

Adrielly Medeiros¹

<https://orcid.org/0009-0003-6242-1425> 

¹Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus Avançado de Assú, Departamento de Letras Vernáculas, Assú, RN, Brasil.
59650-000 – dlv_assu@uern.br

Resumo: Entrevista realizada com o escritor mineiro Filipe Lutalo, autor de *Almoço de domingo*. Nesse livro de prosa, que apresenta paratextos da historiadora social Josemeire Alves e da escritora Cidinha da Silva, são narradas histórias cujo elemento de alinhavo são as relações entre pessoas, diante das experiências do cotidiano, em compartilhamento de afetos. As narrativas, escritas com o apuro de excelente prosista e de grande poeticidade na escrita – potências da produção literária afro-brasileira – também trazem essas vivências cotidianas pelas interações intergeracionais, a despontar as memórias em construção e as conexões que as possibilitam. Nessa entrevista, conversamos sobre compreensões da literatura, caminhos da criação literária e projetos de escrita.
Palavras-chave: literatura afro-brasileira. contos. família. relações.

Abstract: Interview with Minas Gerais writer Filipe Lutalo, author of *Almoço de domingo* (Sunday Lunch). This prose work, featuring paratexts by social historian Josemeire Alves and writer Cidinha da Silva, presents narratives in which the unifying element is human relationships. These stories foreground everyday experiences and the sharing of affections. Composed with the skill of a master prose stylist and a profound poetic quality – hallmarks of the potency of Afro-Brazilian literary production – these narratives render daily life, often through intergenerational interactions, to reveal the emergence of memories in the process of construction and the connections that make them possible. This conversation engaged with the author's understandings of literature, his approaches to literary creation, and his writing projects.

Keywords: afro-brazilian literature; short stories; the family; bonds.

Filipe Lutalo Dias, mineiro de Belo Horizonte, nascido em 1979, licenciado em Química pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), formação que o habilitou para a carreira de analista de materiais poliméricos (Lutalo, 2019b). Atuou, entre os anos de 2017 e 2022, como professor e coordenador voluntário na rede Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes (Educafro-MG), em Belo Horizonte. Contribui para a formação de estudantes do Núcleo Águia da rede, que tem como missão a promoção de estudantes negros e de baixa renda ao ensino superior. Teve sua estreia na literatura com

a publicação do conto “Cães” na antologia *Sede, contos distópicos de um futuro sem água* (2015). Foi classificado entre os cinco melhores contos do Prêmio STRIX 2015, em concurso realizado pela editora Andross (Lutalo, 2019b).

Foi com o livro *Almoço de Domingo* (2019a) que Filipe Lutalo estreou como autor solo. Neste, apresentou contos escritos com linguagem acessível, com vistas a mobilizar os sentidos de leitores jovens. Lembramos, aqui, que os livros infantis e juvenis, que são comumente atribuídos para crianças, adolescentes, jovens, são verdadeiramente para que as infâncias, adolescências e juventudes sejam experimentadas no presente, ou as vividas, no passado, de uma recepção que está em outra fase da vida. A escritora Cidinha da Silva, uma das melhores contistas e cronistas do nosso tempo, discorre que o livro do escritor, a quem chama de “prosador”, é vivo de delicadeza para contar “memórias de pessoas que vivem no tempo-espço da falta de recursos materiais, lócus de reinvenção do pouco para produzir o necessário e mais um tanto para permitir o sonho” (Silva, 2019).

A obra – “que surge de observações do ser humano sendo humano” (Lutalo, 2019b) – que motivou esta nossa entrevista, tem a qualidade de nos chocar e mexer com nossos sentimentos, e, por meio disso, passamos a questionar e repensar a importância dos encontros, nos almoços de domingo, e das relações familiares. A intelectual Josemeire Alves, em seu prefácio da obra, comenta: “Almoço de domingo, tradição entre nós” (Alves, 2019, p. 11), entre partilha de afetos e também desafetos. Vemos isso como as possibilidades apresentadas desses “nós”, apresentado tanto como pronome, em junção de todos, quanto como substantivos, nos modos de conexão, alinhavo e todos nossos embaraços (Souza, 2023): no “fortalecimento do afeto emancipatório entre nós” (Alves, 2019, p. 15). Aberta a mesa de partilha, na abertura do livro, com a relação posta à mesa, nós iniciamos o diálogo, embora hoje não seja domingo.

Entrevistadores: Escritor, agradecemos o aceite ao convite para dialogar e nos contar um pouco do seu processo criativo, de sua relação com a palavra, com a literatura, com as poéticas da vida.

Entrevistadora: Escritor, o que incentivou o senhor a produzir a obra? De onde veio a ideia?

Filipe Lutalo: O *Almoço de domingo* veio de dois impulsos. O primeiro, despertado por um processo terapêutico que vivenciei de 2012 a 2017, me permitiu reconhecer como um ser que é múltiplo. Não apenas um homem que respira o mundo da química, mas também o mundo das artes. Um processo que me deu a coragem para me expor. O segundo impulso foi o contato com os movimentos negros e as artes negras. Ler autores como Cidinha da Silva, Cristiane Sobral, Cuti, Luiz Vilela, Conceição Evaristo, João Guimarães Rosa e Milton Hatoum me fizeram perceber que a arte está ao alcance de todos, mas precisamos de oportunidade para acessá-la. O dia de domingo se torna o fio condutor para guiar todos os contos. Simples e vibrante, que carrega muitos significados e histórias.



Entrevistador: Sabemos que a simples associação entre vida e obra é algo perigoso, para não dizer ingênuo; porém, não se pode dissociar a criação literária das experiências e vivências das autorias. Neste sentido, você poderia elaborar, poeticamente, pontes metafóricas, entre sua formação em Química, seu trabalho como formador na perspectiva étnico-racial e social e sua obra?

Filipe Lutalo: As associações são perigosas sim, porém com bem apontado na questão, são indissociáveis. Nessa obra, a química se materializa em todo o processo. Desde o pensar até o deteriorar do papel. Tudo em nossa vida depende de processos químicos. O papel que amarela com o tempo é fruto da oxidação provocada pelo oxigênio e catalisada pela luz. Na perspectiva étnico-racial e social, decidi retratar personagens que normalmente são invisibilizadas: nós, negros; praticantes de candomblé; pobres; pessoas destituídas de liberdade; LGBTQs; e pessoas em sofrimento psíquico grave ou com ideação suicida. Ao trazer histórias que retratam esse público, eu demonstro que a história de cada um de nós é digna de se tornar um best-seller, desde que os olhos possam enxergar o que está tão visível, mas que insistimos em não ver. A história de Amarildo, retratada no conto “O Clássico”, para mim, é uma história que merece ser contada, alegoricamente, como no conto onde debato a violência policial e o desejo simples de se levar uma vida pacífica ou de forma nua e crua, como vemos nas páginas policiais. A questão é que as páginas policiais não trazem a essência humana, mas contribuem para reduzir o fato a mais um caso de desaparecido.

Entrevistadora: De onde veio a inspiração dos personagens (avós, filhos e netos)?

Filipe Lutalo: A inspiração vem das vivências. De figuras de parentes próximos, vizinhos e amigos que possuem uma vida pulsante nas suas agruras, nas suas lidas e nas suas felicidades.

Entrevistadora: Existe alguma situação da obra que o senhor vivenciou? Se sim, o que o motivou a colocá-la em seu livro?

Filipe Lutalo: Muitas. O “Velho Cocheiro” surgiu da experiência de montar um cavalo em um hotel fazenda e não conseguir cavalgar 10 metros com o animal. Nada do que eu fazia incentivava o animal a trotar. A conversa com o cocheiro, que também não sabia montar, associado a uma sessão de terapia onde eu analisava a posição das pessoas negras nos ambientes me fez pensar nesse conto. “Caiu no poço” me remete a baixa autoestima que adquiri, por ser preterido nessas brincadeiras de criança. Nesse livro, tem muito das minhas vivências que precisavam sair e se tornar histórias.

Entrevistadora: Temos nossas leituras, no diálogo com o texto. Mas, nos revele algo, talvez proibido: qual a sua intenção no modo apresentação dos contos da obra?

Filipe Lutalo: É proibido proibir, parafraseando Caetano Veloso. A disposição dos contos surge do processo de brainstorming sobre quais dias importantes caem no domingo:



dia dos pais, dia das mães, o dia da visita no presídio. Apenas o conto “Encontros e Despedidas” foi acintosamente posicionado. Eu desejava um fechamento e Milton Nascimento me inspirou o título.

Entrevistadora: Como foi a sua experiência em publicar seu primeiro livro solo?

Filipe Lutalo: Traumática e libertadora. O trauma vem de procurar editoras para autores negros e perceber que não é simples entrar. Nos deparamos com orçamento restrito, com linhas editoriais que divergem do nosso modo de pensar. Esperar um retorno das editoras pode ser angustiante. Então, eu optei por contratar um diagramador e um revisor, porém, tivemos que romper o contrato pois eu esperava mais entrega naquele momento e a pessoa não estava disponível. O rompimento do contrato foi libertador, pois percebi que, como autor, precisamos nos posicionar. Posso dizer que todo o processo me trouxe muito aprendizado. Hoje, talvez, seria mais paciente e pesquisaria mais as editoras.

Entrevistador: Sabemos que o escritor é, antes de tudo, um leitor, diante disso, quais livros (de literatura) você está lendo neste momento?

Filipe Lutalo: Concordo. Não há como escrever se você não dedica tempo para a leitura. É nela que encontramos novas e infinitas possibilidades. Estou explorando as obras de Marcelo D'Saete (*Cumbe e Angola Janga*). Também estou lendo *Todos os Contos* de Clarice Lispector, *Sobre a Escrita* de Stephen King, e explorando um pouco de Machado de Assis (*Memórias Póstumas de Brás Cubas*).

Entrevistadora: A escrita metafórica, poética, política com os temas “tabus”, e sensíveis, como o suicídio, a religião, o racismo, é algo sério, e você os trata com cuidado. Poderia nos contar como foi elaborá-los na sua literatura?

Filipe Lutalo: Difícil. Optei pela sinceridade e pela simplicidade. Os tabus sempre existiram e quando um cai, outros surgem. Abordar esses temas é aprofundar no âmago da humanidade, buscar entender como ela se forma e como ela funciona. O que pode atrapalhar no processo literário são os nossos julgamentos e nossos vieses inconscientes. Muitas vezes, precisamos nos destituir de paradigmas, aprofundar em nós mesmos para emergir com um pensamento crítico, filosófico e científico. Nas literaturas que me acompanharam durante o processo de escrita do *Almoço de domingo*, me deparei com materiais que panfletavam. Os assuntos eram abordados de forma direta, nua e crua, com o objetivo de educar ou denunciar a dor, o racismo e a LGBTfobia. Cheguei a ir por esse caminho, mas queria algo mais lírico. Machado, com o conto “Pai contra Mãe”, me mostrou como eu poderia fazer.

Entrevistadora: Segundo sua experiência própria, o senhor, como autor, acredita que os temas sensíveis abordados em livros infanto/juvenil sejam necessários, por quê?

Filipe Lutalo: O público infanto/juvenil, como os demais, não constitui um conjunto



de pessoas acríticas. Elas possuem suas vivências e seus vieses. Quando abordo temas sensíveis tenho a certeza que o público infante/juvenil não está alheio a eles. Eles os vivenciam. O racismo, a homofobia, a solidão e o *bullying*, a busca por aceitação, são vivências que impactam a vida dos jovens. E esses jovens se reconhecem como agressores e como vítimas. Talvez, porém sem pretensão, a literatura possa ajudá-los a perceber que outras pessoas vivem situações semelhantes e há possibilidade de ressignificar padrões. Comigo, foi assim.

Entrevistador: Acredita nos alinhavos de seus contos dentro da comunidade da literatura afro-brasileira? Mesmo antes da resposta, emendamos: como a literatura contribui para a expressão da alteridade?

Filipe Lutalo: Acredito que os contos podem ser inspiração, como outras autoras e autores me inspiram. Conceição Evaristo me atravessa com as suas escrevivências e Ricardo Aleixo com os seus “inutensílios”. A literatura é chave para que observemos o outro, pois é através do outro que existimos. As relações pautadas no contraste e nas diferenças nos levam a refletir o eu social. Quem eu sou frente ao outro? A literatura é a expressão daquilo que o outro vê. Ao ler o outro, perceber as diferenças, posso pensar em construir algo que seja mais próximo do que desejo como uma sociedade igualitária.

Entrevistadora: Escritor, de onde veio seu sobrenome “Lutalo”? Possui alguma descendência que o senhor gostaria de nos contar?

Filipe Lutalo: Lutalo significa em Zulu, guerreiro. Ao procurar um pseudônimo, que queria um nome africano para me aproximar das minhas raízes ancestrais. O Ifá havia me sinalizado que eu era filho de Ogum, o orixá guerreiro. Juntar Filipe – o que gosta de cavalos – como Lutalo – guerreiro –, virou uma feliz coincidência. O santo guerreiro que anda a cavalo é São Jorge, que pelo sincretismo, é Ogum. Mais uma vez, Ogum é confirmado. Não poderia adotar outro nome, então.

Entrevistador: Há, na arte, o diálogo entre um artista e a obra de outro. É certo que os poetas dialogam com outros artistas e seus trabalhos. Quais seriam eles, e como se dá/se deu a relação?

Filipe Lutalo: Diálogo com as artes plásticas, com o cinema, com a poesia. Ricardo Aleixo me mostra que as palavras voam. Jordan Peele que devemos correr atrás do nosso eu e não sucumbir ao abismo profundo dos lugares que nos querem colocar, Conceição Evaristo me escreve e Miguel Rio Branco me mostrou a crueza da sarjeta. Eu consumo arte diferente da literatura para que eu possa ter outras perspectivas, para que eu possa descobrir outras formas de reverberação da palavra escrita.

Entrevistador: Há uma questão que gostaríamos de saber mais. Como pesquisador de literaturas, fazemos o endereçamento do seu livro para jovens. E tem autoria que não



curte, por achar que isso diminui a potência (e seriedade) literária. Achamos isso equivocado, pois livros infantis são para as infâncias, livros juvenis para as juventudes, sejam as vividas no passado ou as experimentadas no presente. O que você pensa sobre esse endereçamento?

Filipe Lutalo: A obra é o que é. Depois que ela é publicada, ela não pertence mais a mim. Pertence ao público e aos críticos. É a forma como o outro enxerga aquilo que construí e isso não desqualifica a obra. Pelo contrário, ressignifica. Confesso que sinto falta de críticas literárias isentas. Percebo, muitas vezes, um medo de apontar os defeitos, pois amanhã, será o crítico que terá a sua obra criticada. Isso é ruim, pois não promove uma reflexão. E o público percebe quando alguém elogia apenas com o intuito de promover. Endereçar uma obra é uma forma de criticar e mostrar ao autor que o fruto da minha construção foi absorvido de uma forma que eu não imaginei. Jamais pensei que *Almoço de domingo* poderia ser endereçado para o público infante/juvenil. Isso mostra que a literatura pode atingir camadas que desconheço.

Entrevistador: O senhor possui algum desejo de escrever mais uma obra, seja juvenil ou, quem sabe, uma infantil? Em algum outro gênero literário? Se sim, poderia revelar aos leitores(as) qual seria?

Filipe Lutalo: Sim. Estou experimentando novos formatos. Poesia, romance e contos. Sou um escritor em formação. Permeio a ficção científica, o afrofuturismo e os romances históricos. No momento, me dedico a trabalhar e fortalecer a escrita sem me apegar a gêneros literários. Quando esses átomos e moléculas tiverem energia suficiente para superar a energia mínima de reação, um novo produto surgirá.

Entrevistador: Se o campo literário fosse distendido como um mapa, com traçados latitudinais e longitudinais, quais seriam as orientações geográficas de Filipe Lutalo, e qual o seu oriente?

Filipe Lutalo: Eu estaria no polo onde a bússola não aponta para nenhum lado, porém, esse polo seria quente como o equador, onde a vida vibra de forma tão magnífica.

Entrevistadores: Escritor, agradecemos por sua generosidade de aceitar discutir sobre sua obra e seus entendimentos do que é, para você, a literatura; assim, gostaríamos de deixar um espaço caso queira fazer algumas outras considerações. Esteja, então, à vontade para falar suas palavras finais nesta entrevista.

Filipe Lutalo: Eu quem devo agradecer o carinho nutrido a mim e a obra. Agradeço a oportunidade e desejo almoços de domingo com muitas histórias e emoções para vocês e os leitores.



Referências

ALVES, Josemeire. Prefácio. In: LUTALO, Filipe. **Almoço de domingo**. Ilustrações de Edusá. Contagem/MG: Edição do autor, 2019. p. 11-15.

LUTALO, Filipe. **Almoço de domingo**. Ilustrações de Edusá. Contagem/MG: Edição do autor, 2019a.

LUTALO, Filipe. Filipe Lutalo. Contagem, 2019b. Disponível em: <https://www.filipelutalo.com.br/>. Acesso em: 05 jul. 2024.

SILVA, Cidinha da. Texto de orelha. In: LUTALO, Filipe. **Almoço de domingo**. Ilustrações de Edusá. Contagem/MG: Edição do autor, 2019.

SOUZA, Gustavo Tanus Cesário de. **O universo e as estrelas em literaturas infantil e juvenil**: caminhos discursivos das literaturas negro-brasileira e indígena. 444 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, 2023.

NOTAS DE AUTORIA

ENTREVISTADOR/A

Gustavo Tanus (gustavotanus@uern.br) é docente do curso de Letras na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN, *Campus Avançado de Assú*), doutor em Estudos da linguagem (UFRN, intercâmbio na UFMG), mestre em Teoria da literatura e literatura comparada (UFMG).

Adrielly Medeiros (adrielly20240004146@alu.uern.br) é graduada em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN, *Campus Avançado de Assú*).

ENTREVISTADO

Filipe Lutalo (filipe.lutalo@gmail.com) é belo-horizontino. Nasceu em 1979. Reside em Contagem-MG. Graduado em Química (licenciatura) pela UFMG, é especialista em Engenharia de Materiais atuando no setor privado. Estreia como autor na Editora Andross com o conto “Cães” na antologia SEDE, CONTOS DISTÓPICOS DE UM FUTURO SEM ÁGUA (2015), considerado um dos cinco melhores contos da antologia no Prêmio STRIX 2015. ALMOÇO DE DOMINGO é lançado em 2019 e surge de observações do ser humano sendo humano. É a primeira obra solo do autor. Seus principais hobbies são: jogar RPG, ler e cozinhar para os amigos. Mantém os blogs <http://www.rpggamesbrasil.com.br> e <https://www.filipelutalo.com.br/blog>.]

Agradecimentos

Não se aplica.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

TANUS, Gustavo; MEDEIROS, Adrielly. Conhecendo a literatura de Filipe Lutalo. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 30, p. 01-08, 2025.

Contribuição de autoria

Adrielly Medeiros: responsável pela pesquisa inicial, elaboração e realização da entrevista.

Gustavo Tanus: responsável pela pesquisa, elaboração e realização da entrevista.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.



Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Conflito de interesses

Não se aplica.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 14/11/2024

Aprovado em: 04/08/2025

Publicado em: 02/12/2025

